



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/outras-manaus/>

Outras Manau(s): Memórlgarapécinza

Francisco Rider[1]

RESUMO: Outras Manau(s) eu performei, sem divulgação prévia do dia e do local, em igarapés abandonados e poluídos de Manaus que fazem parte das minhas reminiscências afetivas, onde no passado eram límpidos e deslumbrantes. Este ensaio visual propõe um ato-clamor acinzentado, contra a ação predatória do homem sobre Manaus, em nome do progresso. As imagens são registros das imersões do meu corpo-artista nessas outras Manaus obscuras, permeada por igarapés que atravessam toda a bacia hidrográfica da cidade. Em alguns desses igarapés quando criança e adolescente eu frequentava com meus familiares, como o Igarapé da Ponte da Bolívia. Hoje, esse “sítio-líquido” está totalmente poluído, restando a nós manauaras somente as memórias de um “tempoespaço-líquido” em que nos banhávamos em águas cristalinas. Hoje? Cinza!

PALAVRAS-CHAVE: Memórias afetivas. Igarapés. Performance.

Other Manau(s): Memórlgarapécinza

ABSTRACT: Other Manau(s) I performed, without prior disclosure of the day and location, in abandoned and polluted streams of Manaus that are part of my emotional reminiscences, where in the past they were clear and dazzling. This visual essay proposes a gray outcry against man's predatory action on Manaus, in the name of progress. The images are records of the immersions of my body-artist in these other obscure Manaus, permeated by streams that cross the entire river



basin of the city. I visited some of these streams as a child and teenager with my family, such as Igarapé da Ponte da Bolívia. Today, this “liquid-site” is completely polluted, leaving us Manauaras with only memories of a “liquid-space-time” in which we bathed in crystal clear waters. Today, gray.

KEYWORDS: Affective memories. Streams. Performance art.



Memórlgarapécinza



Outras Manau(s) ato-clamor performativo: era uma vez um igarapé?

Quando da minha chegada aqui, tudo isso era um igarapé que adentrava a cidade de Manaus, porém, parece mais uma cidade ianque, uma urbe de imensos arranha-céus, de altas edificações, de ruídos e de movimentações (Dias, 2007).



As águas do Igarapé da Bolívia, a flora e a fauna exuberantes violentamente rasgadas pelo concreto e pelo asfalto. Embaixo dessa ponte aonde meus pés pisam performativamente — na memória dos meus familiares, a ponte foi erguida na década de cinquenta; primeiro de madeira e depois de concreto —, era uma vez um igarapé deslumbrantemente límpido, tão límpido que podíamos ver peixinhos e a areia branca no fundo do igarapé; sepultaram, Manaus se transformou numa cidade expropriada de suas memórias (Dias, 2007). O Igarapé da Bolívia era um dos lugares em Manaus que nós manauaras frequentávamos (cerca de quarenta anos atrás) sem a preocupação de estarmos tomando banho em águas sujas. Mas a poluição do igarapé foi causada pela ausência de saneamento básico, pela invasão de terras no entorno do igarapé e pela especulação imobiliária. E as águas do igarapé são testemunhas dessas mudanças drásticas, pois antes de nós humanos, os rios já habitavam a Terra (Krenak, 2022).



O Igarapé da Bolívia pulsacantafala verdejante-cinza

O sítio aonde se localiza o Igarapé da Bolívia, mesmo com tanta poluição e tanto concreto e asfalto atualmente, continua rodeado de uma diversidade incrível de árvores, palmeiras e pássaros. E ao performar nesse sítio, eu escutei os cantos de pássaros e das águas do Igarapé da Bolívia: os rios falam, os rios cantam (Krenak, 2022). As araras e os periquitos cortam o céu do espaço com suas cantorias estridentes, nos fazendo lembrar de um futuro ancestral (Krenak, 2022). O falatório dos pássaros e do rio provocaram sensações fortes no meu corpo-performer, mesmo com tanta interferência dos sons de carros e de caminhões que atravessam a ponte, numa cacofonia perturbadora. Mas, me senti mais “afectado” com a presença forte do rio do que quando tenho a



presença de seres humanos (Krenak, 2022). Outra sensação forte é a presença do calor do asfalto e do concreto que de certa forma soterrou o corpo do rio (Krenak, 2022), que antes era areias brancas banhadas pelas águas do igarapé, onde se podiam ver peixinhos com suas coreografias erráticas no espaço-líquido.



Corpágua igarapé gelado

O Igarapé da Bolívia servia como um abrigo mágico para mim e meus familiares, onde passávamos nossos fins de semana o dia inteiro. Quando cansávamos de brincar, deitávamos sobre a areia branca morna e sobre nossos corpos a energia solar amazônica das décadas de setenta e oitenta. E quando nossos corpos ficavam quentes, íamos nos refrescar no corpoágua igarapé gelado. Corpos-quentes, eram abraçados e acalentados por esse corpo gelado. Saíamos dali energizados pela lavagem que nos dava esse espírito rio-avô de águas doces. Saímos dali rios, pois aprendemos



a linguagem ao escutar a voz dos rios. Assim, sejamos água materialmente e espiritualmente (Krenak, 2022).



Daqui eu vejo, escuto, sinto o canto do Igarapé

Ali, sobre a ponte da Bolívia, pude ver toda a movimentação das árvores, dos açazeiros, dos buritizeiros e o andarinho dos pássaros no ar. Eu-pássaro querendo Ser-rio. Sentia o canto do igarapé: Rio-música (Krenak, 2022).



O cheiro de podridão dos esgotos das casas e dos condomínios tomam conta do lugar, mas o cheiro da mata trava uma disputa de sensações para o meu corpo-performer. Se transformamos a água em esgoto, ela adoece e toma muito tempo para se regenerar (Krenak, 2022). Portanto, vamos respeitar a água e “hescutar” a voz-memóriaigarapé?

Bibliografia

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus 1890-1920. Manaus: Valer, 2007.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Exclusivo preenchimento equipe ClimaCom

Recebido em: XX/XX/XXXX



Revista ClimaCom, “Manifesto das Águas” | pesquisa – ensaios | ano 12, nº 28,
2025

Aceito em: XX/XX/XXXX

[1] Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). Email: dancarbrincarjogar@gmail.com